

GT 06: Relações Raciais e Étnicas na América Latina e Caribe

Sobre véu e resistência: gênero, Islã e refúgio

Maria Eduarda Raia de Melo¹

São Paulo
2020

¹ Graduanda em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Sobre véu e resistência: gênero, Islã e refúgio

Resumo

Este artigo tem como objetivo contribuir para a ampliação das discussões acerca de um campo de pesquisa religioso na contemporaneidade - o islâmico - pelo olhar etnográfico, no que diz respeito, especialmente, à questão do refúgio e do gênero, sendo as mulheres refugiadas muçulmanas os sujeitos da pesquisa. Assim, pensaremos as interseccionalidades, focalizando nos múltiplos sistemas de opressão vivenciados por mulheres muçulmanas refugiadas e a produção de sua resistência, que para muitas dessas mulheres está relacionada ao uso do véu islâmico, o *hijab*.

Palavras-chave: Mulheres muçulmanas. Islã. Refugiados. Hijab.

About veil and resistance: gender, Islam and refuge

Abstract

The following article aims to contribute to the broadening of discussions on a religious research field in contemporary times - the islamic - through the ethnographic perspective regarding, especially, the issue of refuge and gender, being the refugee women the subjects of the research. Thus, we will think about intersectionality, focusing on the multiple systems of oppression experienced by Muslim refugee women and the production of their resistance, which for many of these women is related to the use of the Islamic veil, the *hijab*.

Keywords: Muslim women. Islam. Refugees. Hijab.

1. INTRODUÇÃO

Entre milhares de pessoas que se deslocam em todos os continentes, incluem-se pessoas na condição de refugiadas². Ao deslocarem-se para outro país, os refugiados expõem seus costumes e a sua religiosidade a um novo contexto com muitos desafios, o que acaba possibilitando uma ressignificação³ da religião e de sua vivência (CASTRO, 2015). Os países que recebem refugiados se comprometem⁴ a integrá-los na sociedade e a proteger os seus direitos. Entretanto, o que temos visto por parte dos governos ocidentais é o recorrente descaso com as diferenças étnicas e religiosas, principalmente no caso de refugiados muçulmanos.

Exemplo disso é a lei vigente desde 11 de abril de 2011 na França, que teve como slogan a frase “República se vive com o rosto descoberto”. O governo francês – com base no projeto de Lei nº. 524 – passou a proibir o uso da *burca*⁵ e do *niqab*⁶ em locais públicos, usando a defesa da república e a necessidade de autonomia das mulheres muçulmanas como justificativa. Duas mil mulheres utilizam a *burca* e o *niqab* na França e, por causa desse tipo de proibição, foram impedidas de frequentar locais públicos. Obrigar por lei que essas mulheres saiam de suas casas sem o *niqab* ou a *burca* é desrespeitar as diferenças étnicas e religiosas, além de desrespeitar os direitos individuais (FERREIRA, 2013), levando à reclusão dessas mulheres ao ambiente doméstico. A proibição total ou parcial do véu estava em vigor em sete países da União Europeia até 2017⁷, e subiu para oito em 2018 com a proibição na Dinamarca.

As maiores vítimas de islamofobia na atualidade são as mulheres muçulmanas, pois elas externalizam a sua fé por meio das vestimentas. Para muitos, a ideia de que uma mulher muçulmana possa escolher estar coberta em locais públicos é

² Pessoas que fogem de seus países temendo serem perseguidas por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontram fora do país de sua nacionalidade e que não podem ou não querem valer-se da proteção desse país (Convenção de Refugiados, 1951).

³ Atribuição de um novo significado.

⁴ A Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados, também conhecida como Convenção de Genebra de 1951, define o que é um refugiado e quais são os seus direitos, assim como as responsabilidades das nações concedentes.

⁵ Peça do vestuário das mulheres muçulmanas, principalmente afegãs, caracterizada por cobrir todo o rosto, cabelo e corpo.

⁶ Véu que cobre o rosto e só revela os olhos. Geralmente é feito de algodão ou poliéster, tendo no preto a sua cor mais comum.

⁷ BBC, 2017. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41460974>>. Acesso em: 04/10/2020.

inadmissível. É claro que muitos países do Oriente Médio adotam regras de vestimenta, que devem ser seguidas por homens e mulheres, porém os ocidentais, tendo como base as notícias que circulam nas mídias sociais, acreditam que todos os muçulmanos devem, obrigatoriamente, se vestir de acordo com as regras “impostas” pela religião. Na verdade, o que entendemos como regras de vestimentas no Ocidente, pode estar relacionado a costumes que passam de geração para geração em diversas sociedades (BARLAS, 2002).

Grande parte das mulheres muçulmanas são adeptas ao uso do *hijab*, o véu islâmico, causando muitas controvérsias na atualidade. Essa vestimenta está cheia de significados importantes que perpassam toda a vida da mulher muçulmana, sendo um símbolo de empoderamento e parte valiosa da identidade dessas mulheres. No Brasil, o uso do véu torna visível a filiação à fé islâmica e “expõe as mulheres muçulmanas aos julgamentos e interpretações da religião feitos pela sociedade mais ampla” (CASTRO, 2015, p. 365).

Em todas as sociedades as mulheres são alvo de discriminação e violência, apenas por serem mulheres. A realidade brasileira não é diferente, a taxa de feminicídio no Brasil é a quinta maior do mundo (EXAME, 2017), essa informação desconstrói a ideia de que a violência contra a mulher é proveniente de religiões ou de culturas específicas. Violências que até então eram veladas no país, tornaram-se escancaradas nos últimos anos, como é o caso da violência contra a mulher e da própria islamofobia, que pode ser evidenciada nos relatos de casos de agressões contra mulheres muçulmanas na mídia e em redes sociais⁸.

Diante disso, encontra-se o problema de pesquisa: quais são as características da (re)construção da fé islâmica entre refugiadas muçulmanas na cidade de São Paulo? E, quais são os desafios que surgem para e no exercício da fé islâmica por refugiadas muçulmanas na maior cidade de um país majoritariamente cristão?

A hipótese adotada é a de que o véu islâmico é um aspecto fundamental para a (re)construção da religiosidade e, por ser um símbolo de marcação da fé externalizada, levaria as mulheres a serem mais facilmente reconhecidas como muçulmanas, sujeitando-as a serem as maiores vítimas da islamofobia. É importante

⁸ GARCIA, C. Islamofobia no Brasil: muçulmanas são agredidas com cuspidas e pedradas. São Paulo. Último Segundo, 25 jan. 2015. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/bra-sil/2015-01-25/islamofobia-no-brasil-muculmanas-sao-agredidas-com-cuspidas-e-pedradas.html>> Acesso em: 04/10//2020.

ressaltar que o Brasil é o país com a maior população católica do mundo, embora, atualmente, possamos perceber o crescimento do neopentecostalismo, temos a constante presença de ideais religiosos cristãos em decisões políticas, e contemporaneamente servindo, inclusive, como justificativa para diversas imposições.

A proposta inicial para o artigo contava com entrevistas com refugiadas muçulmanas, porém devido ao período de crise sanitária que estamos vivendo, em consequência da pandemia de COVID-19, foi necessário modificar o rumo do trabalho quase que por completo. Faremos então a análise de produções científicas sobre o fazer etnográfico, a mulher no Islã e o refúgio, a reflexão apresentada aqui se baseia também em método qualitativo, com coleta de dados por meio de observação etnográfica em campo, mais especificamente, na Mesquita do Pari (Liga da Juventude Islâmica), antes da pandemia.

2. A MESQUITA DO PARI COMO REDE DE APOIO

A partir das idas a campo preliminares que fiz, antes da pandemia de COVID-19, notei a importância da Mesquita do Pari como articuladora de uma rede de apoio para os refugiados vindos de todas as partes do mundo. A primeira ida a campo foi possibilitada com a ajuda da Prof^a. Dr^a. Francirosy Barbosa (USP/Ribeirão Preto), que me indicou a Mesquita do Pari e especificamente a Dr^a. Jihad Jamal Ellakkis Mouallem – médica que atende, voluntariamente, refugiados de todos os países do mundo na Mesquita do Pari – para ter a minha primeira conversa em campo, e salientou que seria original acompanhar o trabalho da médica.

Com muito esforço e com medicamentos doados, a Doutora consegue fazer os atendimentos. De acordo com ela, muitos refugiados chegam com doenças muito graves e que são muito difíceis de serem tratadas nessas condições, mas é a única opção que eles têm. Perguntei a ela sobre as mulheres refugiadas e ela disse que as atender é mais difícil do que atender aos homens, já que muitas delas possuem ressalvas em relação a ela, por ser muçulmana e não utilizar o *hijab*.

Conversamos sobre as condições precárias dos refugiados em São Paulo, como, por exemplo, o fato de muitos refugiados morarem em uma mesma casa, sem espaço para comportar tantas famílias. Há também, de acordo com a Dr^a. Jihad, muita dificuldade de adaptação das mulheres muçulmanas refugiadas à vida ocidental. A

questão do mercado de trabalho é uma delas, já que existe a necessidade de que elas arrumem empregos para ajudar na renda da casa, mas em seus países de origem muitas delas não trabalhavam fora de casa. Até coisas simples, como respeitar a ordem de chegada para serem atendidas pela doutora - muitas querem passar à frente dos homens - se torna um grande problema. Essas mulheres passam por muitas adaptações no país de destino, inclusive em relação a sua religiosidade.

Em um estudo realizado pela pesquisadora Márcia Zaia, presente na obra *Olhares Femininos sobre o Islã* (2010), a maioria das mulheres entrevistadas dizia que não havia necessidade de ir à mesquita em sua terra de origem, pois as mulheres podem fazer as orações em casa, e era o preferível. Porém, no Brasil a mesquita se torna fundamental para a adaptação de mulheres refugiadas ao país de destino e a religião se torna um aspecto central para o seu processo de adaptação:

A religião participa intensamente do processo de aculturação, seja como participante do processo de formação identitária pré imigratório, seja como mediadora do processo de entrada e permanência na nova cultura. Seu papel como reguladora do cotidiano, e modeladora do universo simbólico, é preponderante na vida de pessoas que têm uma compreensão do mundo influenciada por valores provindos da religião. (FERREIRA et al, 2010, p. 109)

A religião, portanto, “assume, inicialmente, uma dimensão diversa da vivida no país de origem. Significa um conforto, uma possibilidade de criar e refazer vínculos” (FERREIRA et al, 2010, p. 2019).

Fui outras vezes à Mesquita para continuar o trabalho de campo e ficou cada vez mais claro que ao fazer uma etnografia, os etnógrafos devem exercitar a sensibilidade para aos poucos ir se tornando mais próximos dos nativos, não estamos ali para forçar as pessoas a falarem com a gente, é preciso se aproximar com cautela, construir laços de confiança.

Se tratando de uma comunidade muçulmana isso é ainda mais relevante, já que existe um conceito previamente definido no imaginário social de que os muçulmanos seriam pessoas muito fechadas, portanto, de difícil acesso para conversar, mas não foi isso que vivenciei. Apesar de ser uma mulher jovem e solteira, na primeira visita à Mesquita fui bem recebida, o que seria difícil de fazer, e eu descobriria posteriormente, seria entrevistar e me aproximar das mulheres refugiadas frequentadoras da Mesquita, uma vez que fazer as entrevistas na própria Mesquita

parecia não ser uma opção, além de toda a bagagem emocional carregada por essas mulheres, que muitas vezes passaram por atrocidades em seus países de origem.

Uma das idas a campo que mais me tocou, em termos de conhecer e me aproximar mais do campo, foi na comemoração do *Eid Al-Adha*⁹, promovida pela Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil, Mesquita do Pari, das 10h às 16h na EMEF Anália Franco Bastos, no dia 11 de agosto de 2019. Coincidentemente era dia dos pais, e como tenho costume de passar esses dias importantes com a minha família fiquei pensando o que poderia fazer para me desdobrar, sendo que o evento era em São Paulo e meu pai estava em Santos.

Analisando o convite pelo *Facebook* percebi que seria uma festa descontraída e divertida, e como eles mesmo pontuaram “para a família” e que todos eram bem-vindos. Nesse momento me lembrei da leitura que havia feito da obra *Veiled Sentiments* (2016), de Lila Abu-Lughod, onde a autora conta que em seu trabalho de campo com os beduínos teve como primeiro contato a apresentação feita pelo seu pai, ou seja, o seu pai apresentá-la para os beduínos construiu uma conexão maior entre ela e os sujeitos estudados, pois para eles os laços familiares são muito importantes. Então, para me conectar ainda mais com os sujeitos que estou estudando decidi levar meus pais.

Não foi fácil convencer meus pais a irem para São Paulo, ainda mais sendo um evento de uma religião que eles não possuem conhecimento algum a respeito, nem sequer conhecem alguém que a siga, mas eles decidiram se aventurar. Ao chegarmos no local do evento havia muitos carros no estacionamento, pensamos que a festa deveria estar muito cheia, e estava. Quando chegamos fomos recepcionados por uma brasileira sem véu, que nos entregou um número para um sorteio e disse para sermos bem-vindos. Ficamos um tempo parados em pé observando as pessoas, a maioria das mulheres usava o *hijab*, só eu, minha mãe, a mulher que nos recepcionou e uma amiga que estava com ela não usávamos o véu. Mas não usar o véu não pareceu ser um problema naquele momento, ninguém estava olhando para nós, mesmo que estivéssemos parecendo completamente perdidos.

⁹ Festa do sacrifício, que sucede a peregrinação à Meca. É celebrada pelos muçulmanos de todo o planeta em memória da disposição do profeta Ibrahim (Abraão) em sacrificar o seu filho Ismael conforme a vontade de Deus.

Com o tempo conseguimos relaxar e fomos em uma das várias tendas armadas na festa com comidas (esfiha, bolinha de queijo, pastéis, etc) e bebidas (refrigerantes, sucos e água), quando fomos pegar a comida reconheci os mesmos homens que me recepcionaram na minha primeira ida à Mesquita, eles não me reconheceram e não falavam muito bem português, mas desejaram boas vindas e nos serviram comidas.

Percebi que todas as pessoas ao nosso redor estavam falando árabe, havia muitas mesas com várias mulheres e crianças sentadas conversando sem parar, e os homens nesse momento estavam orando na parte fechada do local. Tentamos não ficar olhando os homens orando e nem entramos na parte fechada, mesmo que várias crianças estivessem brincando por ali, não sabíamos se seria falta de respeito. Mas o que estava me deixando curiosa naquele momento era a moça da recepção, que não usava véu e era brasileira, fiquei pensando se ela seria alguma funcionária da escola que estava ajudando e fui até ela.

Contei a ela que estava fazendo uma pesquisa e que era minha primeira vez em um evento muçulmano e havia trazido meus pais, ela ficou muito animada e disse que se chamava Aline (nome fictício), e que era casada com um homem muçulmano, disse que quando a oração acabasse ela poderia me apresentar ao *Sheik* para que conversássemos sobre a religião e ele me ensinasse o que eu quisesse saber. Mas quando a reza acabou e seu marido e mais um homem chegaram perto da gente, ela acabou contando a eles que eu queria saber mais sobre a religião, que estava pesquisando e que estava em família. Um dos homens, chamado Ibrahim, disse que gostaria muito de nos ensinar sobre a data que estavam comemorando, e nos levou para a parte de dentro do local, sentamos em umas cadeiras perto de onde as crianças estavam brincando e ele disse que estava muito feliz por uma família estar buscando conhecer o Islã.

Foi perceptível para mim que ter levado meus pais foi ótimo para me misturar com os sujeitos da minha pesquisa, se eu tivesse ido sozinha talvez não fosse a mesma coisa e eles não teriam me recepcionado de forma tão interessada. Ibrahim começou a explicar para mim e meus pais do que se tratava o *Eid Al-Adha*, a festa do sacrifício, festa em memória do profeta Abraão, que se dispôs a sacrificar seu filho Israel como havia pedido Allah.

Após explicar sobre a festa, contei a ele que estava pesquisando as mulheres muçulmanas refugiadas e que estava interessada em saber mais sobre o uso do véu.

Ibrahim mostrou a esposa dele de longe, que estava brincando com o seu filho e usava um véu muito bonito, ela era de longe a mais elegante da festa e nos deu um oi com a mão. Ibrahim disse que a esposa era brasileira revertida e que ela tinha decidido usar o véu. Contou também que sua mãe havia vindo da Palestina e que ele nasceu no Brasil. De acordo com ele, sua mãe é muito moderna, gosta de coisas tipicamente brasileiras e é muçulmana.

Além disso, me explicou o que achava ser repressão em relação às mulheres no Islã, dizendo que no Brasil as mulheres vivenciam o Islã de forma diferente, e que até hoje a sua esposa não passou por nenhum tipo de islamofobia, mas que incomoda quando estão no aeroporto e ela tem que tirar o *hijab*, mas ele diz que entende que isso acontece por causa dos casos de terrorismo no mundo. Também disse que as mulheres sofrem maior repressão em países como a Arábia Saudita, onde a vivência é muito rígida e diferente, mas ele não vai julgar a situação de outro país.

Ibrahim disse que poderia me apresentar para alguma mulher refugiada na festa, mas que elas não sabiam falar português e a comunicação poderia ser complicada. Mas, disse que quando eu e meus pais quiséssemos conhecer os detalhes da Mesquita do Pari, poderíamos ligar para ele e marcar e ele nos ensinaria mais sobre a religião, também disse que não iria me influenciar a ser muçulmana, que isso viria de mim, mas que era bom saber que meus pais são cristãos e, portanto, eu também seria. Claudia Voigt Espinola (2005) também utilizou o “ser cristã” como um instrumento de proximidade:

Mantive-me na linha da observação participante e de certa forma o fato de que me apresentava como cristã era considerado “bom começo”, tendo em vista que o Islã aceita e reconhece os chamados “povos do livro” (o judaísmo e o cristianismo) (ESPINOLA, 2005, p. 18).

Continuamos na festa, participamos do sorteio e foi a primeira vez que eu e meus pais vimos uma mulher de *niqab* e eu consegui trocar algumas palavras com ela, que me contou que não usava a vestimenta sempre, só em ocasiões que ela se sentia confortável para usar, como o caso do evento. Me senti muito satisfeita com essa ida à campo e considero a melhor experiência entre as idas que fiz.

Nesta comemoração foi possível perceber o quanto a comunidade é um ponto de apoio fundamental para os refugiados:

O grupo religioso e a comunidade tornam-se pontos de apoio fundamentais. Essa sensação de compartilhar responde a uma necessidade muito profunda

do ser humano, que é a necessidade de sentir-se parte de um todo coerente e dotado de sentido. Durante a imigração essa crença pode ficar comprometida, uma vez que o novo espaço oferece padrões de conduta muito diversos (FERREIRA et al, 2010, p.111).

Uns meses depois entrei em contato com Ibrahim novamente e conversei algumas vezes com a moça brasileira que não usava *hijab* na festa, a quem chamo de Aline. Ibrahim disse para que eu levasse os meus pais para conhecer a Mesquita, e fomos todos juntos novamente, foi uma experiência muito boa, Ibrahim nos mostrou todos os cantos da Mesquita e explicou o que cada um significava, ele fala árabe muito bem. Além disso, disse que seríamos muito bem-vindos. Após a visita pela Mesquita, comemos um lanche numa barraquinha de lanches árabes que fica na frente da Mesquita, quem faz os lanches é uma mulher muçulmana. Agora que eu já estava imersa no campo, as próximas visitas eu faria sozinha.

Quando voltei à Mesquita sozinha, os funcionários já me reconheceram e me explicaram como chegar até a parte reservada para as mulheres e que lá haveria véu e tudo que eu precisasse, mas eu sempre carregava um lenço comigo para me precaver. Observei a oração de sexta-feira, mas era muito difícil chegar até as mulheres, principalmente as refugiadas, havia uma barreira que iria requerer bastante tempo para ser quebrada, infelizmente, com a pandemia de COVID-19 não foi possível passar mais tempo em campo, tendo ido somente em três orações de sexta-feira. Em uma delas conheci uma mulher muçulmana brasileira que tinha acabado de se reverter, ela conversou comigo, queria saber se eu estava estudando para me converter também, e expliquei para ela que era na verdade uma pesquisa acadêmica. Eu passava despercebida como pesquisadora, muitos achavam que eu estava querendo me reverter, mas com isso consegui me sentir mais confortável em campo.

Quando a pandemia começou ficou ainda mais claro para mim o quanto os refugiados necessitam dessa rede de apoio vinda da Mesquita do Pari para sobreviver. Durante a quarentena a Mesquita tem fornecido comida para os refugiados e durante o Ramadã essa solidariedade foi ainda maior, com doações de cestas de comida todo os dias, para alimentá-los no mês sagrado islâmico. Através do perfil da Mesquita no *Facebook*, pude acompanhar diversas postagens com fotos desta ação liderada pela Mesquita do Pari, com doações feitas por qualquer um que pudesse.

O papel da Mesquita para a religião muçulmana é muito importante, como expresso por um dos principais informantes do trabalho de campo da pesquisadora Espinola (2010):

Como disse um dos principais informantes, na primeira vez que entrei na mesquita: “É aqui que nos reunimos. Este local serve para fins religiosos, políticos e sociais”. De fato, todos os “caminhos levam para a mesquita” (FERREIRA et al, 2010, P.17).

A pesquisa de campo foi mais desafiadora do que eu imaginava que seria, acabei me aproximando muito da religião islâmica. Favreet-Saada (2005) explica que ter uma proximidade maior com o seu objeto modificou a sua forma de entender o afeto, que está relacionado à emoção e a como as emoções atuam em campo quando nos aproximamos dos sujeitos estudados, permitindo uma espécie de alargamento da subjetividade. Favreet-Saada (2005) adotou o afeto como um dispositivo metodológico que a permitiu elaborar a sua pesquisa, não sendo nem observação participante, nem empatia.

O que se faz muitas vezes em trabalhos antropológicos é a desqualificação da palavra nativa, portanto, a autora propõe uma nova forma de entender essa palavra, ela afirma que estava no lugar do nativo, e que essa experiência não foi/é uma experiência fácil, ainda mais quando pensamos que todo o pesquisador chega ao campo com uma bagagem de experiências individuais.

A minha aproximação com o Islã aconteceu através de blogueiras e atrizes muçulmanas, principalmente da atriz Iman Meskini¹⁰. Portanto, meu olhar ao chegar a campo ainda era muito enviesado, já que eu nunca havia estado em uma Mesquita e não conhecia nenhum muçulmano pessoalmente. A decisão de pesquisar, particularmente, pessoas muçulmanas refugiadas se deu pelo meu interesse em questões de deslocamento e suas consequências psicológicas e sociológicas na vida dessas pessoas.

Ao chegar a campo percebi que eu ainda carregava muitos preconceitos, como acreditar que não seria bem-vinda por não usar o véu e por não ser muçulmana, mas não foi o caso. Me conectei com a religião e com tudo que ela representa para essas pessoas e fui aos poucos me desconectando dos medos e estereótipos propagados pela mídia.

¹⁰ Jovem atriz muçulmana norueguesa.

Mesmo não sendo muçulmana, sentia uma sensação indescritível de paz dentro da Mesquita e no contato com todos que tive a oportunidade de conversar. De fato, os sujeitos da pesquisa trazem uma riqueza de conhecimentos, vivências e sensações que até então eram desconhecidas, e cujo conhecimento permite enfrentar todos os desafios presentes na realização de uma etnografia. Foi isso que pude experimentar em campo.

3. GÊNERO, ISLÃ E REFÚGIO

As refugiadas muçulmanas vivenciam múltiplos sistemas de opressão. A sua cor, religião, gênero, nacionalidade, classe e a própria condição de refugiadas subordina essas mulheres, tornando-as marginalizadas no país de destino. Para analisar esses múltiplos sistemas de opressão é interessante utilizar da interseccionalidade como método. A interseccionalidade compreende as desigualdades sociais complexas como intrinsecamente ligadas a uma agenda de justiça social. Como pontuado por Collins:

“ou a liberdade é indivisível ou não é nada além da repetição de slogans e avanços temporários, míopes e passageiros, para poucos. Ou a liberdade é indivisível e trabalhamos em conjunto por ela ou você estará em busca de seus próprios interesses e eu dos meus” (Jordan, 1992, 190). Aqui, a discussão de Jordan sobre liberdade adianta ideias importantes dos projetos de conhecimento interseccionais, ou seja, encarando a tarefa de compreender as desigualdades sociais complexas como intrinsecamente ligadas a uma agenda de justiça social, ou as interseções não apenas como ideias por elas mesmas, mas como ideias e ações. (COLLINS, 2017, p. 8).

As mulheres refugiadas passam por situações de abuso e opressão desde a raiz do processo migratório, ou seja, desde o motivo que as levou a se deslocarem do seu país de origem, no processo de legalização do refúgio e, depois, no país de destino já como cidadãos daquele país. Aqui iremos focar, principalmente, na questão de gênero, da religião islâmica e da condição de refugiadas.

No imaginário social ocidental a mulher muçulmana é oprimida e vítima, não sendo capaz de enfrentar a sua realidade e se “libertar”. Essa visão da mulher muçulmana é utilizada como um dos principais motivos para o banimento de vestimentas islâmicas por toda a Europa. O que os ocidentais consideram como tradicional, arcaico e totalmente fora do processo de modernização, é para os muçulmanos, na verdade, uma maneira de manter um senso mínimo de identidade em uma realidade confusa e instável (MERNISSI, 1987). A necessidade, portanto, é

de manter a religião viva e seus costumes preservados, e as mulheres seriam um exemplo claro de preservação e manutenção dos costumes advindos da religião, como com o uso do *hijab*. Pois, como afirma, MERNISSI (1987) “*Individuals die of physical sickness, but societies die of loss of identity.*” (MERNISSI, 1987, p. IX).

Na época da colonização francesa no Marrocos, os muçulmanos acreditavam que estavam guardando suas mulheres dos olhares dos ocidentais (MERNISSI, 1996). Hoje, pode-se perceber a mesma coisa, a questão de proteção e de continuação cultural são muito importantes para os muçulmanos. O fato de que em alguns países colonizados, como a Argélia, as mulheres abriram mão do uso do véu, representaria uma vitória do poder colonial, pois visualmente mostraria que as mulheres muçulmanas sucumbiram à influência do colonizador francês, dessa forma, o uso do véu islâmico pelas mulheres muçulmanas não é somente uma questão individual, mas sim uma questão política (CROSBY, 2014).

Essa definição de preservação dos costumes está ligada ao problema do etnocídio, isto é, a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos minoritários, em um contexto em que são oprimidos por um povo majoritário (CLASTRES, 2004). Quando pensamos nas leis aprovadas em diversos países europeus contra o uso das vestimentas muçulmanas, impedindo diversas jovens de frequentarem a escola, a questão do etnocídio se evidencia, e assim é também em diversos outros países em que as mulheres muçulmanas são vistas como vítimas que necessitam de salvação. Essa visão foi responsável por justificar diversas guerras e opressões de governos ocidentais em países majoritariamente muçulmanos. A questão da “salvação” de mulheres muçulmanas está presente em diversos momentos da história. Abu-Lughod (2012) critica o apoio do movimento feminista ocidental à intervenção militar americana no Afeganistão¹¹. Para ela, as feministas “entraram na pele das cristãs missionárias do século XIX que devotaram suas vidas para salvar suas irmãs muçulmanas” (ABU-LUGHOD, 2012, p. 465). E de acordo com Crosby:

Western women and men are missing valuable opportunities. By being preoccupied with the victimization of veiled Muslim women, Western feminists in particular are missing the opportunity to highlight the many ways that Muslim women have been agents of change in the public sphere. Western

¹¹ Invasão do Afeganistão pelos Estados Unidos. Ocorreu depois do 11 de Setembro e teve como justificativa desmantelar a *Al-Qaeda* (organização fundamentalista islâmica internacional), removendo o *Talibã* do poder.

feminists should recognize that France's veil ban is a tool to reinforce hegemony (CROSBY, 2014, p. 57).

Apesar de muitos acreditarem que as mulheres muçulmanas estão muito distantes de se associarem ao feminismo, isso não se confirma. O feminismo islâmico existe e está muito associado à reinterpretação das fontes religiosas do Islã, uma forma de repensar o lugar da mulher na sociedade muçulmana. O feminismo islâmico é um movimento historicamente recente, começando como consciência “feminista” por volta dos anos 1890 no Egito e na Turquia. Hoje, o feminismo no Oriente Médio tem dois polos - feminismo secular e os movimentos de mulheres pela reislamização (LIMA, 2014). Esses movimentos de mulheres pela reislamização estão muito ligados à questão da diáspora para diferentes países com a crise de refugiados. As mulheres favorecidas por uma “modernização” passaram a questionar o lugar dos homens e das mulheres no interior do Islã. É preciso entender o feminismo islâmico como um englobador dos efeitos do anticolonialismo e do nacionalismo, sendo a visão ocidental do Islã violenta e discriminatória e a ideia de salvação bastante presente (LIMA, 2014).

A ideia de que as mulheres muçulmanas necessitam de salvação está muito ligada ao liberalismo dos países ocidentais. As práticas liberais desses países objetificam as mulheres, inclusive subliminarmente, e o que se espera é que elas revelem seus corpos, e não cubram. O crescimento da população muçulmana no mundo pode trazer grandes mudanças e impactos na vida ocidental, e não somente em termos demográficos, mas em termos políticos, econômicos, culturais e sociais, isso de fato assusta os governos ocidentais. O problema principal de toda a questão exposta é que as mulheres muçulmanas nunca são escutadas sobre suas experiências, seus direitos de escolha e sua liberdade, o discurso sempre está concentrado entre os homens ocidentais e os homens muçulmanos tentando decidir sobre uma vivência que somente a mulher muçulmana tem e entende (NOOR, 2007).

A existência da islamofobia, principalmente em relação às mulheres, foi evidenciada por falas de jovens obtidas, através de uma pesquisa, em uma escola islâmica no Canadá em 2006. Jovens muçulmanas contaram para a pesquisadora Jasmin Zine que ser mulher muçulmana no Canadá era um desafio, já que até andar de transporte público acabava sendo um grande evento, com muitas pessoas olhando e comentando. A entrevistada chamada de Zarqa contou uma situação que passou no ônibus:

Okay, I was going on the bus one day in Ramadan and I was wearing my hijab and my abaya. I was going to take off my abaya, but then I didn't. And we were going past 5th St. and there was this lady on the bus right, and there was a little girl and she was really, really cute and I love children, and I was like, "Oh hi, she's so cute!" and her mom, she, like, looked at me and she turns the daughter away from me, and the girl just started crying. It makes you feel so bad! (ZINE, 2006, p. 245).

As garotas sentiam que a todo o momento precisavam ser educadas e se portar bem mesmo que alguém as desrespeitasse, pois elas sabiam que as formas como elas reagissem afetariam todo o entendimento daquelas pessoas sobre o Islã. As jovens sentiam que tinham que representar bem o Islã onde quer que elas estivessem, e precisavam tomar cuidado com o que diziam e faziam, já que o comportamento delas representaria toda a sociedade islâmica. Ainda assim, a pesquisadora chegou à conclusão de que, mesmo com os relatos das jovens, o Canadá não é um país tão islamofóbico quanto países europeus, como a França.

O coletivo *French Collective Against Islamophobia* fez uma pesquisa na França que mostra que os ataques contra muçulmanos dobraram entre 2011 e 2012, e as mulheres que usam o *hijab* foram o principal alvo. O uso do *hijab* já foi um tema muito estudado na academia, porém para a sociedade ocidental o véu ainda continua sendo visto negativamente, associando a mulher muçulmana à submissão ou ao terrorismo. Essa visão se agrava ainda mais quando se trata do uso do *niqab*.

Em uma reflexão sobre o uso do *niqab* no Reino Unido, Piela (2019) utiliza muitos conceitos de Saba Mahmood¹², falando principalmente sobre a questão da religiosidade. Por meio de entrevistas feitas com mulheres que usam o *niqab*, a pesquisadora comprovou que para essas mulheres a questão da religiosidade era o motivo principal de utilizarem essa vestimenta, e não uma questão política. Uma das observações foi que as mulheres entrevistadas não estavam preocupadas com a interpretação que é feita do livro sagrado hoje, elas simplesmente usam a vestimenta pois acreditam ser aquilo que as conecta com Deus, como algo individual. As mulheres admitiram que em algumas áreas elas não utilizam o *niqab*, pois sabem que passarão por violências e evitam, pelo bem dos próprios filhos jovens. No Brasil, a primeira vez que encontrei uma mulher usando o *niqab* foi na festa do *Eid-Al-Adha*, não costumamos encontrar mulheres usando essa vestimenta nas ruas de São Paulo, quando perguntei para essa mulher sobre o *niqab* ela contou que colocou a

¹² Foi professora de antropologia na Universidade de Berkeley.

vestimenta dentro do carro no estacionamento da festa por cima de outra roupa, e não usa na rua por medo de ser agredida.

A islamofobia no Brasil ainda não é um tema muito estudado e existem muitas controvérsias hoje em relação ao que realmente acontece aqui. Neste momento há pesquisas sendo feitas sobre o tema com bastante profundidade. Mas podemos afirmar que existem relatos de muçulmanos, principalmente mulheres, que passaram por situações desconfortáveis por conta da sua religião e do *hijab* como sendo a fé externalizada. Muito disso está ligado aos acontecimentos do 11 de setembro, mais recentemente ao Estado Islâmico e a criação de estereótipos de homem muçulmano como terrorista e de mulher muçulmana como submissa. Tais ideias têm sua criação, em geral, ligada ao poder da mídia e ao que a mídia quer passar sobre os muçulmanos para os espectadores. A mídia constrói uma imagem do Islã que beneficia países ocidentais poderosos, como os Estados Unidos, sendo, portanto, uma forma de Orientalismo. Segundo Said, devemos entender que “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa...” (SAID, 2016, p. 32). Assim, podemos dizer que o Islã, além de minoritário, se tornou invisível do ponto de vista dos temas predominantes no campo de análise da religiosidade brasileira e para muitos o Islã não era praticado por brasileiros e sim por imigrantes (MONTENEGRO, 2002).

Hoje, o Islã está em evidência em vários países, porém no Brasil a religião ainda não se apresenta como uma das religiões com mais fiéis, de acordo com o último CENSO (2010). Mesmo assim, o Islã hoje possui diversos *Sheiks*¹³ espalhados por várias cidades brasileiras, sendo alguns deles brasileiros e outros que vieram de outros países. Fato é que o Islã hoje está cada vez mais forte nas redes sociais, seja através do perfil dos *Sheiks* nas redes, ou até de blogueiras muçulmanas. Hoje a voz do Islã é muito mais ouvida pelos brasileiros e existem meios para realizar um contra discurso ao que a mídia tradicional apresenta.

O fenômeno de blogueiras¹⁴ e modelos¹⁵ muçulmanas está em alta, essas mulheres produzem conteúdos interessantes explicando sobre o uso do *hijab*, o *Ramadã*, o dia a dia, entre outros assuntos, na sua maioria são mulheres jovens de vários países diferentes, algumas usam até mesmo o *niqab*. O que faria o Islã estar

¹³ Autoridade religiosa no Islã.

¹⁴ A *youtuber* Mag Halat é muito conhecida no Brasil, com 213 mil inscritos.

¹⁵ Como a modelo Halima Aden, contratada da IMG Models.

em evidência entre os jovens? Fatima Mernissi (1987) diz que uma das perguntas mais feitas pelos ocidentais é como uma religião tão tradicional consegue ser tão viva, tão desafiadora aos efeitos do tempo, ter uma energia tão renovável. Como pode ser valiosa para educar a juventude, já que muitos jovens estão se revertendo¹⁶, inclusive mulheres.

No Brasil, as mesquitas já estão muito mais cheias, com mais de uma oração de sexta-feira devido a quantidade de fiéis, isso se dá, principalmente, pelo deslocamento de refugiados muçulmanos de sua terra natal para o Brasil. Se para as mulheres muçulmanas o fato de seguirem o Islã pode ser crucial para determinar como serão tratadas pela sociedade, ser refugiada muçulmana torna essa situação ainda mais crítica. Um estudo feito no Canadá mostra que mulheres muçulmanas encontram barreiras significativas para acessar o mercado de trabalho (ANDRADE, 2013). Isso indica que existe uma islamofobia com corte de gênero que opera na sociedade, na política, negando o avanço de mulheres muçulmanas até mesmo no acesso ao mercado de trabalho.

Quando se trata de mulheres refugiadas no Brasil a situação é ainda mais crítica:

Para além das dificuldades que envolvem o preconceito, os empecilhos do idioma, a falta de acesso ou desconhecimento de direitos, há também os obstáculos ligados ao fato de serem mulheres. Numa sociedade marcadamente sexista, elas estão sujeitas a opressões específicas, que ficam evidentes no mundo trabalhista: assédios no ambiente de trabalho, menores salários, cargos precarizados e dupla jornada de trabalho são realidades constantes nas vidas de milhares de trabalhadoras no Brasil (ANDRADE, 2013, p. 247).

De acordo com dados do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) (CONARE, 2016), a partir de 2013 houve um aumento no número de solicitações de refúgio no Brasil, o que impulsionou a fomentação de um debate mais intenso no país sobre o assunto. Além de não haver representatividade no legislativo para votar questões voltadas aos refugiados e imigrantes, temos ainda as diversas violências sofridas pelas mulheres. Essas violências levam o gênero a se tornar uma categoria de análise central quando falamos sobre refugiados:

A Organização das Nações Unidas (ONU) (AGÊNCIA BRASIL, 2017) divulgou que pelo menos uma a cada cinco refugiadas sofreu violência de

¹⁶ De acordo com as crenças islâmicas todos nascem muçulmanos, mas acabam se afastando da religião. A reversão é como voltar a uma fé primeira (FERREIRA, 2007).

gênero, seja durante seu deslocamento forçado do país de origem, seja ao chegar no país de acolhimento. Esse número é subnotificado e não leva em consideração os casos em que a violência de gênero foi o motivo que levou a mulher a abandonar seu país de origem (CORRÊA; HÜMMELGEN, 2018, p. 250).

Há também a questão das lacunas que não são preenchidas pelo Estado.

Esse papel acaba sendo desempenhado pelas ONGs:

Nas lacunas não preenchidas pelo Estado, a sociedade civil apresenta-se como condição fundamental para o desenvolvimento e aprofundamento da democracia, do pluralismo, da conquista de importantes objetivos sociais e econômicos e da governança global (CORRÊA; HÜMMELGEN, 2018, p. 419).

A Agência da ONU para refugiados (ACNUR) acredita ser indispensável o treinamento para autoridades locais em relação à proteção aos refugiados para melhorar como alguns países lidam com a chegada de refugiados e a sua permanência (MENEZES; REIS, 2013). A relação que os refugiados têm com a chegada no país de destino e como são tratados pode fazer senti-los obrigados a partir ao se perceberem vivendo em condições de vida degradantes, mesmo que não sejam expulsos à força. Os refugiados precisam ter a sua integridade física e emocional respeitada neste processo tão difícil e traumatizante.

As mulheres refugiadas, dependendo muito de sua nacionalidade e cor, trabalham em pequenos comércios montados por seus maridos no país de destino (árabes em geral), ou como empregadas domésticas (frequentemente, as de origem africana). Como empregadas domésticas, muitas vezes essas mulheres acabam sendo estupradas, ou sofrem diversos outros tipos de abusos. Em alguns países, como no Egito, as refugiadas trabalham como prostitutas para sustentar a família, como identificado na fala deste homem egípcio:

“Can you imagine how it feels every night when you sit down to eat food with your children and, you know that the only reason there is food on the table is that your wife works as a prostitute, or as a housemaid, and every day her employer abuses and rapes her... That is what happens to so many of the men here, and what can we do? If she does not work we will not eat – the children will starve ... and if she gets pregnant –who is the father ... is she diseased? These are the things we think the whole time – yet we never talk about it. The shame is too great” [Refugee man, Cairo, Egypt] (PITTAWAY, 2014, p. 2).

As refugiadas muçulmanas, por serem mulheres, encontram maior dificuldade em se sentirem protegidas, pois nem as ONGs, nem a própria comunidade são

totalmente seguras para elas (PITTAWAY, 2014), que enfrentam todos os tipos de abusos diariamente no país de destino. Ainda assim, elas não têm outra opção que não seja buscar ajuda das organizações ou da comunidade. E quando não estão legalizadas no país de destino, não conseguem pedir ajuda em relação aos casos de estupro e outros abusos:

“If women are sexually harassed they have nowhere to report it to, because our existence itself is illegal. It is best not to approach the police because otherwise they will arrest us and send us home” [Refugee Woman] (PITTAWAY, 2014, p. 8).

Os debates acerca da chegada de refugiados continuam sendo muito importantes atualmente. Os refugiados que chegaram ao Brasil, apesar de não terem encontrado apoio do Estado, encontraram de instituições religiosas e de ONGs. Porém, as ações do Estado não podem ser substituídas, é necessário que o Estado acolha esses refugiados de forma digna. É preciso que haja apoio do Estado a partir de políticas públicas para essas pessoas que enfrentaram e ainda enfrentam diversos traumas, já que

o confronto com outra cultura desafia a noção que as pessoas têm de si mesmas, podendo trazer mudanças. Com a mudança do cenário social podem ser oferecidos outros padrões de identidade, que possivelmente trarão uma revisão do olhar para si e para o mundo e uma provável reconfiguração dos elementos da própria identidade. Aquilo que não é compartilhado pelo grupo social pode pôr à prova a crença na realidade que temos e reconhecemos. A identidade é questionada, e tudo o que está implícito nesta noção; a ideia de si mesmo, de grupo social, hábitos, valores, crenças. Tudo é confrontado diante das situações que se apresentam no dia a dia no novo espaço social (ZAIA, 2010, p. 99).

Por todo o exposto, acabamos enxergando os refugiados como vítimas de um sistema capitalista que procura a todo momento gerar uma dependência desses sujeitos para com outros sujeitos. A partir da etnografia gera-se a possibilidade de entender que todos os sujeitos têm uma importância histórica, social e geográfica para ser analisada. Não podemos enxergar esses sujeitos apenas como vítimas de um sistema ou de uma circunstância, mas também como produtores de resistência, sujeitos que resistem a todo o custo. A partir disso, é possível pensar as sujeitas da pesquisa como agentes, como produtoras da sua própria história (MARCUS, 1991).

Portanto, constatamos os múltiplos sistemas de opressão vivenciados por mulheres muçulmanas refugiadas. O ser mulher, que gera opressão independente do

país que ela esteja vivendo, sendo negligenciadas em todo o processo de refúgio, além dos abusos psicológicos e sexuais. O ser muçulmana, encontrando-se com a islamofobia no Brasil e sofrendo diversos tipos de agressão em um país majoritariamente cristão. Assim como ser uma “estranha” no país de destino por ser refugiada, falando um idioma completamente diferente, exercendo a sua corporalidade de forma diferente dos nascidos no Brasil, com roupas modestas e com comportamentos diferentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer etnográfico é uma tarefa bastante desafiadora e ao mesmo tempo recompensadora. Se despir de preconceitos e se inserir no campo de pesquisa requer paciência e sensibilidade por parte do pesquisador, já que é um trabalho que se firma com o tempo. É importante construir relações com as pessoas inseridas nesse campo e não deixar de lado as dificuldades que passamos como pesquisadores no processo de nossa inserção. Em tempos como esse que estamos vivendo, de pandemia, qual é o papel do etnógrafo? Como continuar as pesquisas longe dos sujeitos de pesquisa?

As pesquisas voltadas para as mulheres muçulmanas se tornam muito importantes para desintoxicar a visão ocidental do que é ser uma mulher que professa o Islã, quais as dificuldades e as virtudes de seguir a religião. De fato, a religião islâmica ainda se encontra distante da realidade da sociedade brasileira em geral, porém está crescendo cada vez mais, abrindo espaço para novos trabalhos a respeito do tema, hoje temos acesso a muito mais referências bibliográficas que a primeira geração de pesquisadores tinha.

Assim, além dessa pesquisa perpassar a questão de gênero no Islã, ela também pretende abordar uma questão que agrava ainda mais a situação das mulheres estudadas, o fato de serem refugiadas. As mulheres muçulmanas refugiadas encontram nas Mesquitas e em ONGs um acolhimento muito grande. A comunidade muçulmana em São Paulo se ajuda da maneira que pode. Dentro da própria Mesquita os refugiados têm acompanhamento médico, recebem doação de alimentos, e contam com a amizade dos outros fiéis que frequentam a Mesquita. Os refugiados encontram-se vivenciando uma realidade completamente diferente da que estavam acostumados.

Sendo assim, nas palavras da antropóloga Espinola (2010), o antropólogo está mais próximo de alguém que imigra para outro país do que parece:

Eles também experimentavam a sensação, tal como eu, de descobrir coisas novas, de aprender os porquês; o imigrante tal qual o antropólogo, se coloca no difícil, porém instigante papel de "tornar o exótico familiar" (ESPINOLA, 2010, p. 29).

As mulheres muçulmanas refugiadas passam por um processo de adaptação a essa nova realidade que mexe com todas as estruturas de sua vida. Até a sua religiosidade sofre modificações, mesmo que a religião permaneça sendo a mesma. O exótico vai aos poucos se tornando familiar para essas mulheres, principalmente no que diz respeito ao papel da Mesquita, que passa a ser outro na vida dessas mulheres no Brasil, como já explicamos.

Este mesmo fenômeno de tornar o exótico familiar foi encontrado na minha experiência em campo, que, mesmo curta, me fez elaborar um novo olhar para coisas que passavam despercebidas no dia-a-dia, até mesmo a relação com os meus familiares foi modificada para melhor. O olhar positivo e a fé em Allah dessas mulheres me fizeram enxergar os desafios diários de forma mais positiva e fui ingressada numa realidade completamente diferente da minha, tanto culturalmente, quanto religiosamente.

Essas mulheres utilizam a fé em Allah para enfrentar os desafios apresentados no processo do refúgio. Elas enfrentam a inexistência de suporte institucional e o desconhecimento dos costumes das pessoas refugiadas no país de acolhimento, que há uma grande dificuldade nos atendimentos do serviço público e isso dificulta a integração desses refugiados na sociedade. Se tornando muito importante o apoio que recebem da comunidade muçulmana e das ONGs.

Por usarem o *hijab* muitas mulheres acabam não conseguindo emprego para contribuir com a renda da família, o que é muito importante no caso de refugiados. A externalização da fé por meio do uso do *hijab*, que antes era tão comum para elas, se torna um empecilho no país de destino, mas nem por isso elas decidem abrir mão de algo tão importante para a sua conexão com Deus. Dentro das Mesquitas essas mulheres se sentem em casa, podendo falar o seu próprio idioma e não se sentem ameaçadas por manifestar sua religião e usar suas vestimentas.

A religiosidade das refugiadas muçulmanas no Brasil é alterada quase que por completo em relação a sua religiosidade no país de origem. Até mesmo a relação

delas com a mesquita e com a comunidade muçulmana difere. De fato, situações como a necessidade de buscarem refúgio em outros países geram nos fiéis muçulmanos uma proximidade ainda maior com *Allah*, já que, apesar de todos os desafios, esses refugiados seguem vivos e lutando por uma vida digna.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, L. Mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 451-470, 2012.

ALBERT, B. Situação etnográfica e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Campos**. 15(1): 129-144, 2014.

ABU-LUGHOD, L. **Veiled Sentiments: Honor and Poetry in a Bedouin Society**. Berkeley: University of California Press, 1986.

AHMED, L. **A quiet revolution: the Veil's Resurgence, from the Middle East to America**. Estados Unidos: Yale University Press, 2012.

_____. **Women and gender in islam: historical roots of a modern debate**. Estados Unidos: Yale University Press, 1992.

ANDRADE, M. **Mulheres refugiadas e o mercado de trabalho: um estudo do município de São Paulo**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP): Programa de pós-graduados em Serviço Social, dissertação de mestrado, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17667>> Acesso em: 27 de maio de 2020.

BALLOUSSIER, A. V. Islamofobia à brasileira. **Blog Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 jan. 2015. Disponível em: <<http://religiosamente.blogfolha.uol.com.br/2015/01/15/islamofobia-a-brasileira/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

BARLAS, A. **"Believing women" in Islam: unreading patriarchal interpretations of the Qur'an**. 1. ed. Estados Unidos: University of Texas Press, 2002.

_____. **The Qur'an, Sexual Equality, and Feminism**. Canadá: University of Toronto, 2004.

CASTRO, C. M. Usar ou não usar o hijab no Brasil? Uma análise da religiosidade islâmica em um contexto minoritário. **Religião & sociedade**, Rio de Janeiro, v. 35 n. 2, dez. 2015.

CHAGAS, G. F. Identidades religiosas e fronteiras étnicas: um estudo do ritual da oração na comunidade muçulmana do rio de janeiro. **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro, vol.29, no.2, 2009.

CLASTRES, P. O etnocídio. In: **Arqueologia da Violência**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COSTA, M. M.; SCHWINN, S. A. Qual o lugar das mulheres no mundo? O peso dos estereótipos de gênero sobre as mulheres migrantes e refugiadas. **Nomos**, v. 38, n. 2. Ceará, 2018.

CROSBY, E. Faux Feminism: France's Veil Ban as Orientalism. **Journal of International Women's Studies**, V. 15. I. 2. Article 4, 2014.

ESPINOLA, C. V. **O véu que des(cobre)**: etnografia da comunidade árabe muçulmana em Florianópolis. 2005. 244p. Doutorado em Antropologia Social – UFSC, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102133/212325.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 de março de 2019.

EL GUINDI, F. **Veil: Modesty, Privacy and Resistance (Dress, Body, Culture)**. 1. ed. Inglaterra: Berg Publishers, 2003.

EL HAJJAMI, A. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. **Cadernos Pagu**, n.30, pp.107-120, 2008.

FAVRET-SAADA, J. "Ser afetado". **Cadernos de campo**, n. 13: 155-161, 2005.

FERREIRA, F. C B. **Diálogos sobre o uso do véu (Hijab)**: empoderamento, identidade e religiosidade. São Paulo: Perspectivas, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/6617/4864>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

FERREIRA, F. C. B. **Entre arabescos, luas e tâmaras**: performances islâmicas em São Paulo. Tese de doutorado em Antropologia Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-24102007-143500/publico/TESE_FRANCIROSY_CAMPOS_BARBOSA_FERREIRA.pdf>. Acesso em: 04 de dezembro de 2019.

FERREIRA, F. C. B et al. **Olhares Femininos sobre o Islã**: etnografias, metodologias e imagens. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

FORERO, I. M. **Considerações hermenêuticas sobre o conceito de liberdade**: um diálogo com o Islã. 2016. 218p. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-15012018-164903/publico/Mestrado.pdf>>. Acesso em: 05 de março de 2019.

FRASER, N. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Estudos feministas**, v.15, n.2, p.291, 2007.

GARCIA, C. Islamofobia no Brasil: muçulmanas são agredidas com cuspidas e pedradas. **Último Segundo**, São Paulo, 25 jan. 2015. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-01-25/islamofobia-no-brasil-muculmanas-sao-agredidas-com-cuspidas-e-pedradas.html>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1989.

_____. **Observando o Islã**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

HADDAD, Y. Y. **Not Quite American?: The Shaping of Arab and Muslim Identity in the United States**. Baylor University Press, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, S. **Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Colômbia e Peru: Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar, Instituto de Estudios Peruanos, e Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.

HÜMMELGEN, I.; CÔRREA, S. A. **Trabalhadoras refugiadas: empregabilidade e condições de trabalho da mulher refugiada no sudeste do Brasil**, 2018.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, C. Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico. **Estudos feministas**, Florianópolis, 2014 maio-agosto.

MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. **Revista de Antropologia**, v. 34, pp. 197-221, 1991.

MAUSS, M. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MENEZES, S. T.; REIS, R. R. Direitos Humanos e refúgio: uma análise sobre o momento pós-determinação do status de refugiado. **Revista Brasil Política Internacional**. 56 (1), p. 144-162, 2013.

MERNISSI, F. **Beyond the veil**. Indiana University Press, 1987.

_____. **Sonhos de transgressão**. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

MONTENEGRO, S. Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil. **MANA**, 8(1):61-91, 2002.

MONTESQUIEU, C. L. S. B. **Do espírito das leis**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NASCIMENTO, S. S. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. **Revista De Antropologia**, v. 62(2), p. 459 - 484, 2017.

NOOR, S. **Hijab Controversy in Europe**. Pakistan Horizon, 2007.

PACE, E. **Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

PIELA, A. Wearing the Niqab in the UK: Exploring the Embodied “Shape a Moral Action Can Take”. **Journal of American Academy of Religion**, 2019.

PITTAWAY, E. Making Mainstreaming a Reality: gender and the UNHCR Policy on Refugee Protection and Solutions in Urban Areas. A Refugee Perspective. **Centre for Refugee Research**, 2014.

SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SCOTT, J. W. **The politics of the veil**. Estados Unidos: Princeton University Press, 2010.

SILVA, M. C. As mulheres, os outros e as mulheres dos outros: feminismo, academia e Islã. **Cadernos Pagu**, v. 30, p. 137-159, 2008.

VALJI, N; DE LA HUNT, L; MOFFETT, H. Where Are the Women? Gender Discrimination in Refugee Policies and Practice. **Empowering Women for Gender Equity** No. 55, p. 61-72, 2003.

VIANNA, A.; FACUNDO, A. Tempos e Deslocamentos na busca por justiça entre “moradores De favelas” e “refugiados. **Ciência e Cultura**, v. 67, no.2. São Paulo, 2015.

VOZES DO ISLÃ. Produção de Francirosy Campos Barbosa Ferreira. São Paulo: Laboratório de Imagem e Som em Antropologia – LISA-USP, 2007. Filme vídeo, 25 min. color.

ZIMMERMAN, D. D. Young Arab Muslim Women’s Agency Challenging Western Feminism. **Affilia: Journal of Women and Social Work**, 2014.

ZINE, J. Unveiled sentiments: Gendered Islamophobia and Experiences of Veiling among Muslim girls in a Canadian Islamic School. **Equity & Excellence in Education**, 39: 239–252, 2006. University of Massachusetts Amherst School of Education.